



# Auto-Grafando

*(Literatura para todos)*

Ano 6 | Número 6 - novembro de 2019



# Auto-Grafando

*(Literatura para todos)*

Ano 6 | Número 6 - novembro de 2019

## Apresentação

*“Literatura é luxúria; ficção é uma necessidade”*

J. K. Chesterton

A necessidade de recriar a realidade com um novo olhar nos faz escrever de tudo, de todos, para todos. Aqui, nesta 6ª edição da revista Auto-Grafando, está um pouco desses desejos, dessa premência, dessa euforia!

Tudo é material para literatura: o concreto, o abstrato; o real, o imaginário; o samba, a valsa. Por que não? Por que sim? Não precisamos de respostas, precisamos resistir, existir, coexistir. William Faulkner disse uma vez:

*“O que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.”*

A literatura ultrapassa o olhar, ela é a própria luz, que brilha na escuridão e nos traz a esperança de que vale a pena sonhar, pois que sonhos são memórias e isso é viver.

Os alunos do 6º ao 8º ano da Aldeia Curumim convidam o leitor para mais uma vez mergulhar nesse mundo de sonhos, recordações, magia e luz!

Sejam bem-vindos!

*Mônica Scheer*



HQ Muda – 6º ano

4

Recortes do real – 7º ano

15

Inclusão, um olhar para  
a diversidade – 8º ano

34

## HQ Muda

Um poeta já disse que são demais os perigos dessa vida. Os alunos do sexto ano me ensinaram que são enormes também os seus segredos.

Foi pedido a eles que fizessem uma HQ muda, usando o tema da INCLUSÃO em suas mais variadas possibilidades: social, étnica, simbólica etc. O resultado foi maravilhoso, como vocês podem ver. Mas, além da beleza das mensagens das HQs produzidas, percebi uma particularidade muito bacana: em todas elas, o esporte – algum esporte – está presente.

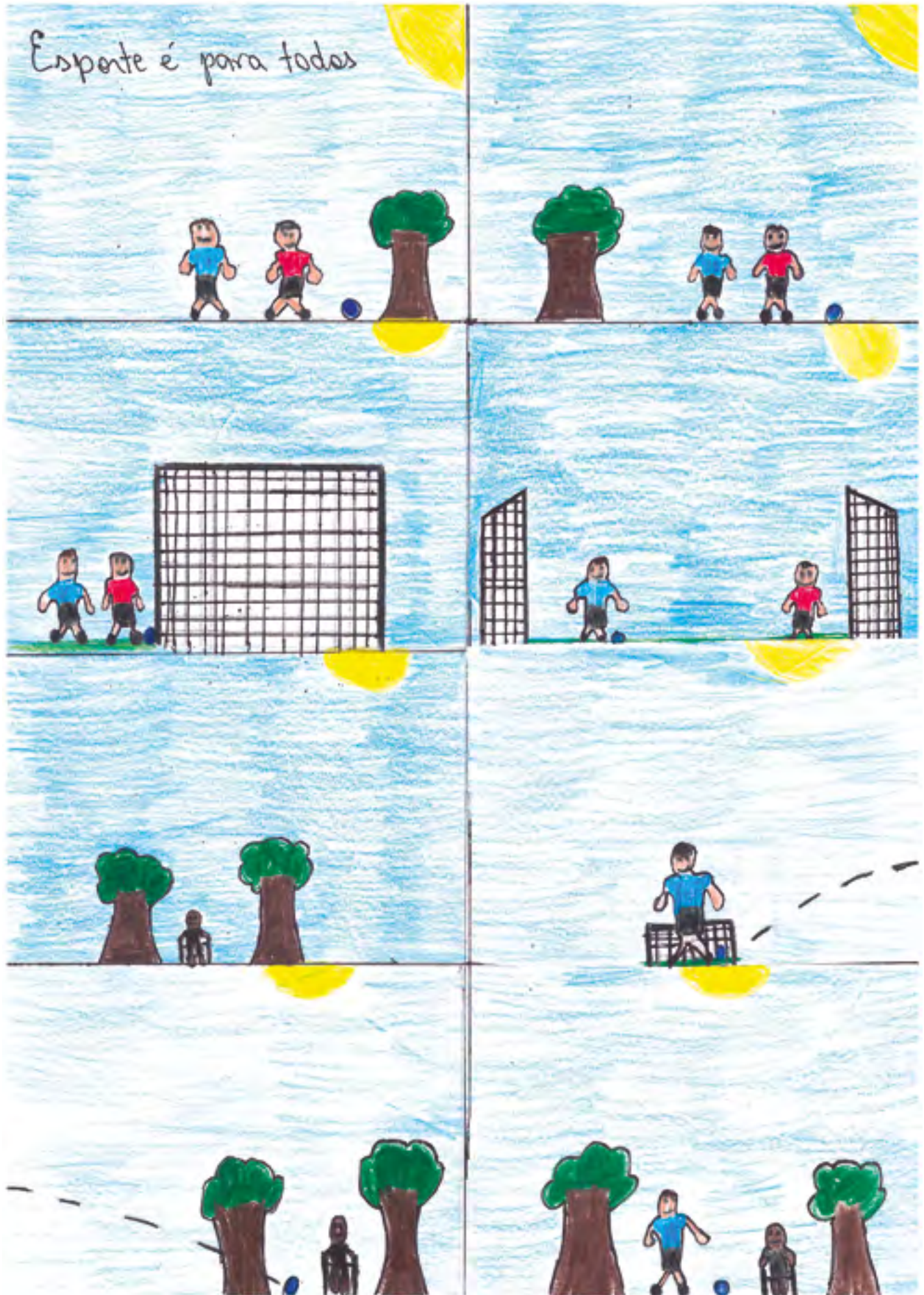
Não sei o que os motivou, sem estímulo prévio algum, a produzirem suas HQs tendo o esporte como eixo. Deve ser um desses mistérios da vida que um poeta qualquer alardeou há tempos.

*(João Peçanha)*



Ilustrado por: Bernardo Nemer

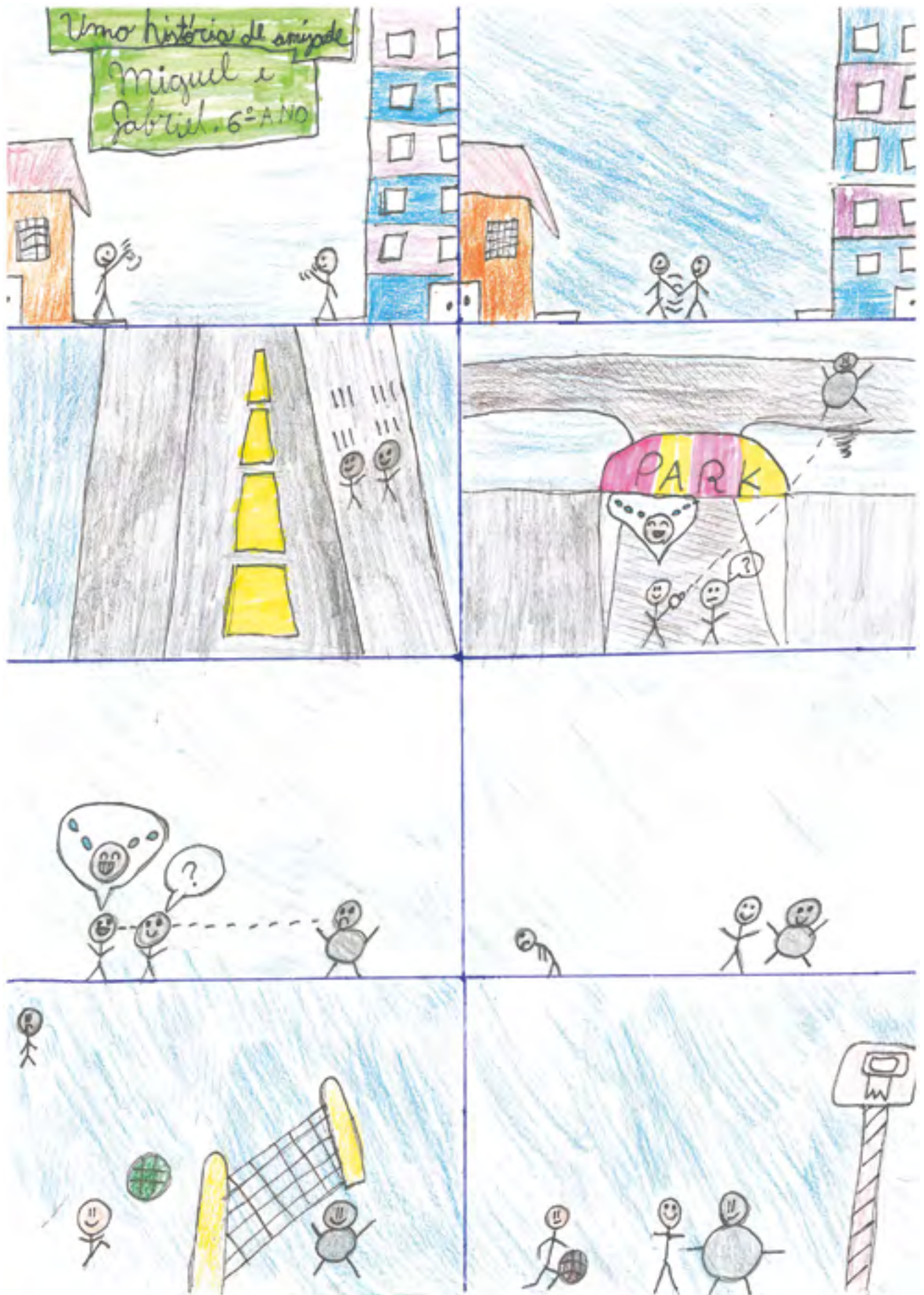






(Matheus)





(Miguel e Gabriel)





(Antônio Chalub)





(Thaís)

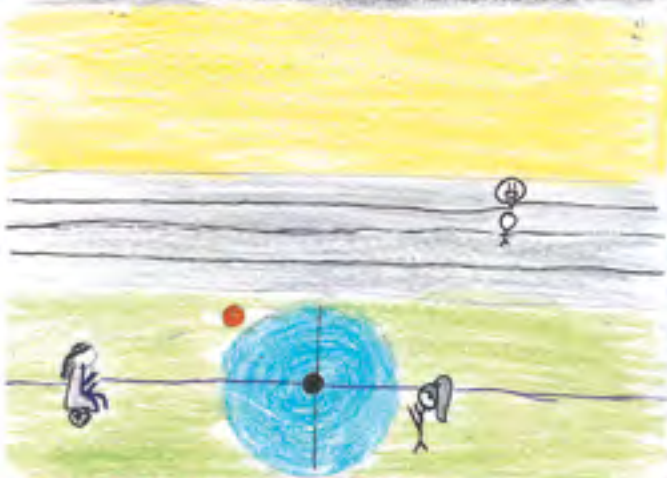
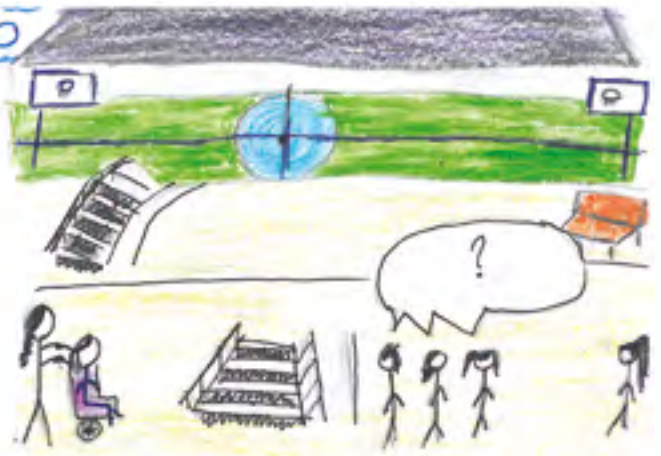




(Rebeca e Anália)



união





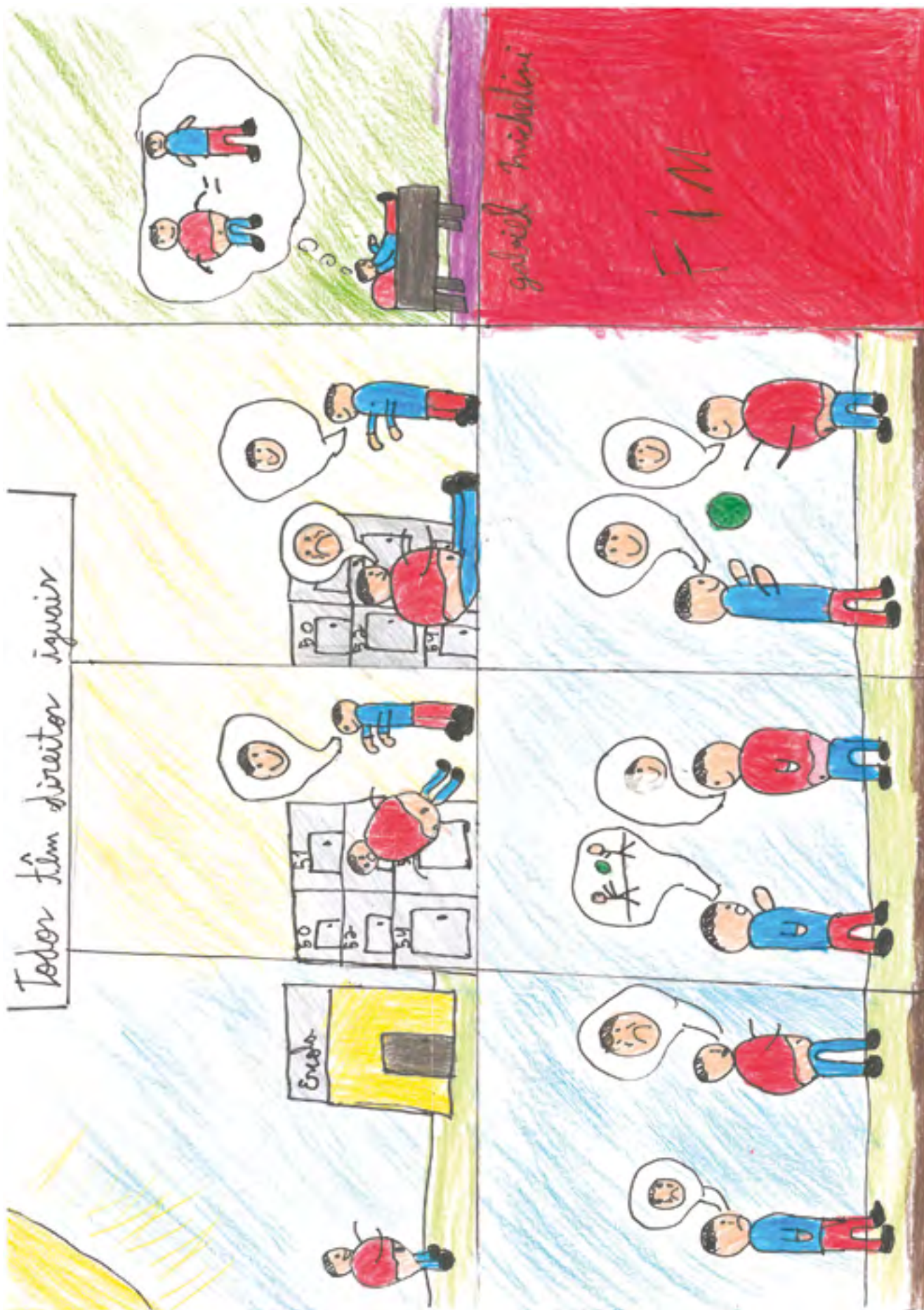
*(Lana Ribeiro Neiva)*





(Giovanna)





(Gabriel Michelini)

## *Recortes do real*

Contos são pedaços de ficção, fatias de realidade ou ensaios de um mundo? Independentemente dessa resposta, à frente vão alguns contos.

Escritos pelos alunos do sétimo ano graças à demanda da professora Juliana Pêgas, esses textos trazem diálogos, descrições e conflitos que, em maior ou menor proporção, afligem nossos alunos.

Boa leitura!

*(João Peçanha)*





## A Ligação

Era uma sexta-feira ensolarada (acho que o sol combina com a sensação de alívio que estava sentindo por conta do fim da semana de provas), quando ouço o telefone tocar:

- Oh, céus! Quem poderia ser? - falo com ironia.

Atendo ao telefone, já sabendo quem me esperava naquela entusiasmada ligação:

- Hey, bro!

- Hey - respondo nem tão animada. - Por que me ligou?

- Poxa! Final de provas, tātātā, final de semana, pātātā, ou seja, rolê!

- Āāhn... Pode ser, o que você quer fazer?

- Mano, eu pensei em a gente ir no shopping, lanchar lá, comprar algumas coisas e tals, vai ser top!

- Sim, sim, podemos ver um filme também, e talvez depois vamos ao fliperama! - falei mais animada.

- Yeeyyy!

- Ah, mano, quanto dinheiro você vai levar? Acho que minha mãe só vai me dar vinte reais.

- Hummm... Não sei, vou perguntar para a minha mãe... ÔOO, MĀEEEE!!! - ouvi-a gritando, acho que ela não percebeu que dava para ouvi-la gritando. - VOU PODER LEVAR QUANTO DE DINHEIRO!?!?!? - ela ficou um tempo sem falar e me retornou com a resposta. - Eu vou levar 45 reais. Ah! Vai rolar um evento de cultura pop, vamos ir também?!?

- Bora!! - falei na mesma intensidade de voz.

- Ei! No final bora tomar um café?! Ah, mano, esse rolê vai ser incrível!!

- Eu sei!!! Já tô até escolhendo o sabor do café!

- Hahaha! Vamos no sábado, às 5.

- Então vamos nos encontrar naquela loja perto da escada rolante.

- Ah! Mas tem muitas lojas perto da escada rolante!!!

- Aquela que tem aquelas canecas e coisas de papelaria!

- Quê?

- A que a gente sempre olha, mas não compra nada!!!!

- Ah!! Lembrei! Sim, sim vamos nos encontrar lá!

- Ok, te vejo lá!

- Ok, tchauuuu!

Então chegou o dia. Apesar de não estar nem um pouco a fim de ir, eu fui só para agradá-la. Estava indo me arrumar quando ouço o telefone tocar:

- Alô?

- Oi, quer desmarcar? - Era a minha amiga, que tinha combinado a saída - É que eu comecei a ver uma série e não tô a fim de sair...

- Siiim!! - disse aliviada, já largando a minha carteira.

Então, no final, aconteceu que nós apenas passamos o final de semana todo assistindo Netflix, e acabou que toda aquela animada ligação foi em vão.



*(Ana Clara e Marina Tavares)*

---

### *A menina que não sabia ler*

Era mais um dia fatídico da minha vida, mais um dia de sofrimento, de cansaço e de fraqueza. O meu mundo era somente meu, na verdade nosso. Eu estava completamente sozinha, só eu respirava naquela imensa casa feita de tijolos e de cimento frio. Eu gastava meus dias fazendo trabalhos caseiros para ajudar minha grande família. Eu tinha três irmãos e duas irmãs, era difícil ter comida para todos. Então, em vez de estudar, ajudava em casa também, porque não tínhamos dinheiro para comprar nem uma bala, e já que eu era a mais velha, a prioridade sempre ia para os menores. Ou seja, há semanas eu estava comendo apenas restos de comida dos chefes da fazenda onde minha mãe trabalhava. A cada dia que passava, a situação piorava, e a felicidade estava acabando junto com a comida.



Alguém bate na porta. Tomo um susto, apesar de não estar fazendo nada de errado. Vou ver quem é: um homem, aparentemente arrumado, com roupas limpas e um sapato bem encerado.

- Emma Swan? – ele diz, me olhando de cima a baixo.
- Sim, eu mesma – respondo com grosseria, mostrando que fiquei incomodada com seus olhares.
- Venha comigo, por favor.

Ele pega na minha mão e me puxa de forma bruta.

- Não! – eu grito sem querer, espantada.
- Madame, venha, por favor.
- Desculpe, porém não posso ir sem a autorização dos meus pais – falo como se quisesse ir.

O possível homem da cidade saca de seu bolso um papel levemente amassado, no qual consigo ver inúmeras palavras que não consigo decifrar.

- Seus pais assinaram.

Ele me entrega o papel. Olho disfarçadamente e não entendendo nada. Com vergonha disso, apenas faço que sim com a cabeça, fecho a porta, passo pelo homem e vou andando sem saber aonde ir. O senhor dá uma leve apertada no meu passo e vai à minha frente, querendo mostrar que está no comando. Eu o sigo, vendo sua carroça no meu enorme quintal. Entro com medo de cair. Vejo o cavalo, e percebo arranhões pelo seu corpo, possíveis chicotadas, sinto sua dor.

- Fale algo – diz o homem. – Você é a criança mais calada que eu já levei.

Eu não era tímida, mas um homem bate na porta da minha casa e me coloca em uma carroça, e eu não faço a mínima ideia do percurso. Às vezes, a gente não sabe aonde vai, só sabe que vai dar errado.

O resto da viagem foi tranquilo, apesar do estranho fazer milhares de perguntas que eu apenas ignorava pelo fato de eu não saber o que responder.

Chego a uma casa grande, fechada, aparentemente abafada, sem janelas ou portas abertas. Engulo em seco, mostrando meu mau pressentimento sobre o lugar. Distraída, ouço um ranger e vejo a porta se abrindo. É uma mulher branca, também bem arrumada, com o cabelo feito em um coque bem alto, com joias brilhando em seu reluzente pescoço. O homem me empurra para dar um passo à frente, eu dou. A mulher me chama para entrar com um semblante irritado. Eu entro na enorme casa. A mulher me observava, percebendo a minha alucinação ao ver o lugar tão bem arrumado. Passo o dedo por cima de uma bancada que eu vejo à minha frente e, em seguida, me belisco para ver se tudo aquilo não é uma ilusão. A moça entra e sorri para mim. Percebo um sorriso amarelo e sem jeito. Ela faz um sinal com a mão e junto diz:

- Venha comigo, vou te mostrar o seu quarto.

Eu faço uma cara duvidosa, sem saber o que estou fazendo naquela enorme casa. Subo as escadas com cuidado para não cair, pois não estou acostumada com todo aquele luxo. Ao chegar ao meu suposto quarto, vejo uma porta com cor escura. Com delicadeza, a mulher a abre.

- Esse é o Josh, ele vai te mostrar o orfanato.

De repente, um milhão de coisas vêm à minha cabeça. Eu fui burra, já devia ter imaginado, por quê? Quando

percebo, tem um líquido salgado saindo dos meus olhos e chegando à minha boca num estrondo – eu grito:

- De todos os lugares, por que eu estou aqui? Deve haver algum engano! Meus pais me amam! Eles nunca fariam isso – falo com uma certa dramatização no meu olhar.

A mulher, com um sorriso entediante, me ignora e sai andando. Parece que eu estou nas mãos de um estranho desconhecido com nome feio.

- Então, vamos? Por onde quer começar? – diz ele sorridente.

- Tanto faz – digo, secando meu rosto com delicadeza.

- Então vamos para o meu favorito, vai ser surpresa – alega com um sorriso falso no rosto.

Vamos a um corredor. Os móveis pareciam velhos, porém limpos. O menino pega um molho de chaves e seleciona uma com uma tonalidade de amarelo queimado. Vamos em direção a uma porta com decalques de girassol. Quando ele arrasta a chave e a abre, vejo uma imensidão de livros: era uma biblioteca, um lugar não muito comum para mim.

- Não vai entrar? – diz o menino com dúvidas sobre mim.

- Sim, claro – digo, já adentrando o imenso lugar. Passo as mãos pelas grandes prateleiras lotadas por grossas páginas.

- Que tipo de livro você gosta?

- É... Eu não leio muito – minto.

- Mentira. Todos gostam de ler.

- É, eu não.. eu acho falta de educação... é... é isso... Acho feio quem lê.

- Então, pega um livro para ver se você gosta. Aqui, lemos para passar o tempo. Sem livros é tédio total, por isso uma biblioteca tão grande e tão cheia.

- Só se você ler para mim – digo com um sorriso.

Talvez eu estivesse gostando dele de verdade.

- Claro. Escolhe um gênero – ele respondeu sorrindo.

- Romance...

- Sim, boa escolha – diz ele, pegando uma imensa almofada e sentando-se no imenso tapete que eu encontrara no chão. Ele faz um movimento com a mão para eu me juntar a ele. Eu vou. E naquele momento, quem diria que nós iríamos começar uma nova relação.

E isso continuou por dias e dias. Ele lia histórias, poesias, contos, crônicas, estávamos cada vez mais próximos. A rotina era sempre a mesma: acordávamos, tomávamos café, tomávamos banho e íamos direto para a biblioteca, sem ninguém perceber. Trancávamos a porta e líamos pelo resto do dia. Sempre assim, todos os dias por três anos. Até que um dia, às 7 horas, fui ao seu quarto procurá-lo, como de rotina, e não o encontrei. De repente, escuto um barulho vindo da porta florida:

- Que susto!



- Uau, sentiu minha falta?
- Sim – afirmei dando um leve empurrão em seu braço direito.
- Decidi uma coisa: hoje você que vai ler para mim.
- Você sabe que eu não gosto de ler.
- É a sua vez, eu sempre leio para você, tenho certeza de que seu braço não vai cair ou sua voz acabar – diz ele perdendo sua animação. – Deixa de preguiça.
- Não é isso. Eu tenho uma coisa para te contar...
- Emmaaa, fala.
- Eu meio que... Não sei ler.

Ele me abraça com o rosto triste. Eu começo a chorar fortemente, resmungando alto, quando percebemos que a porta estava destrancada. A Sra Nunes entra:

- O que estão fazendo aqui nesse horário?
- Senhora, não é nada que está pensando – alega Josh. – Só estávamos lendo uma cativante história que nos emocionou. Algum problema sobre isso? Ou a senhora está insinuando que não devemos ler para aumentarmos nosso vocabulário?
- Não, jamais. Desculpe atrapalhar, continuem.

Começo a rir e rapidamente tranco a porta antes que alguém volte.

- Vou te ensinar a ler e a escrever lindas poesias. Ler é um caminho sem volta. Vou ao meu quarto pegar algumas coisas.

Faço que sim com a cabeça e o aguardo sentada. Ele volta com o braço cheio de livros e folhas, e com um sorriso enorme no rosto.

- Está pronta?

Ele fala sentando no tapete novamente.

- Sempre.

E abriram-se portas para um novo mundo que eu acabara de conhecer. Começamos por letras, palavras e, logo depois, textos. Os dias iam se passando, e a minha vontade de aprender aumentava cada vez mais. Passou tudo muito rápido. Eu tinha 14 e era analfabeta, e em segundos, eu tinha 16 e sabia ler inúmeros textos e livros.

Tudo isso era muito bom, porém o tempo não passa só para as coisas boas. Josh era dois anos mais velhos que eu, ou seja, estava chegando a hora de nos despedirmos. Era a nossa última semana juntos.

- Josh!!! – digo na ponta dos pés com velas na mão. – Acorda, levanta, temos que aproveitar cada segundo, vamos para a biblioteca.

Ele passa as mãos no rosto com cara de sono e diz:

- O que você quer? De onde surgiu essa animação? – Ele senta na cama e tira com delicadeza o cobertor. – Vamos logo.

- Amo sua disposição. - Ajudo-o a se levantar.

- E eu amo você.

Vamos em direção à biblioteca como fantasmas, evitando fazer barulho. Abrimos a porta da biblioteca e ficamos um tempo encarando os livros e relembrando todos os anos que passamos juntos. Ele me puxa e rindo sentamos no tapete.

- Hoje é você.

- Tá, mas eu ainda leio com dificuldade - digo com humor e sono.

Pego um livro não lido e sento normalmente.

- Não importa - diz ele com um sorrisinho bobo. - Eu gosto mesmo de ouvir seu drama, sua voz.

Aquilo que ele acabara de falar era pura verdade: quando eu lia, parecia que eu estava no próprio personagem, sentia suas dores e ria com suas alegrias, falava com uma enorme emoção.

- Então tá... E eu começo a ler com minha denominada emoção. Vamos para outro mundo, como todos os dias em que estivemos juntos.

Amanhece e nós nem percebemos. Nós nos perdemos em nossas próprias palavras. Encosto no ombro dele e durmo como um bebê.

- Emma! Emma! Acorda - diz ele. - Agora é a minha vez.

Acordo e olho-o nos olhos com um semblante debochado.

- Quero um presente de despedida - diz ele animado. - Faz um texto para mim!!! Pode ser uma prosa, poesia, conto ou até um verso. Quero ir embora pensando em você.

- Não gosto de escrever, sempre cometo erros e minha criatividade é decepcionante.

- Por favor, faz isso por mim, pensa em tudo que fiz para você.

- Já falei, não vou escrever droga nenhuma - digo com grosseria. - Não acredito que você me acordou para isso.

- Não me importo com seus erros. Quando você ama alguém, tudo vem junto.

Eu percebo que ele está irritado e aumento o tom de voz.

- Que bom! Então, me ame sem fazer texto nenhum, porque você pode fazer o que quiser, mas eu não vou fazer esse texto!!

- Já percebeu que você não faz nada para mim? Dá para perceber porque seus pais te abandonaram, você não ajuda, só pensa em si mesma.

Percebo uma lágrima e rapidamente a enxugo. Me levanto com grosseria, pego o livro que estávamos lendo e rasgo a página em que nós paramos, coloco-a no meu bolso e, sem olhar para o rosto dele, vou andando. Fecho com força a linda porta de girassóis que me traz lindas lembranças, porém desvio o olhar e vou para o meu quarto. Leio em voz alta.

“Matar o sonho é matarmo-nos.

É mutilar a nossa alma.

O sonho é o que temos



de realmente nosso,  
de impenetravelmente e  
inexpugnavelmente nosso.”

Fernando Pessoa

Levanto da cama e, com brutalidade, vou à biblioteca à procura de Josh. Não o encontro. Vou ao seu quarto, bato fortemente na porta, porém nada dele. Desço as escadas correndo e pergunto à Sra. Nunes:

- Senhora, viu o Josh? Lembra-se dele, né? Cabelos ruivos, olhos verdes, ele estava usando uma blusa de manga comprida amarela.

- Calma! Óbvio que eu sei de quem você está falando, ele foi para o programa de transferência.

Saio correndo abrindo as portas e corro pelo canteiro de girassóis, esperando alcançá-lo. Me sinto voando, livre. Chego ao portão e observo a placa: “Bem-vindo ao Sunflower Kids”. Nunca havia lido o nome do orfanato. Penso em um milhão de imagens na minha cabeça e vejo o sol indo diretamente para o meu olho. Volto correndo para dentro do alojamento. Começo a chorar, pego uma caneta amarela e tento escrever, porém não surge nada. Eu sempre soube que as coisas boas acabam, mas eu não sabia que acabavam tão rápido. Subo as escadas e vou ao meu quarto, olho pela janela empoeirada e vejo as outras crianças brincarem. Nunca fiquei com a curiosidade de conhecer nenhuma delas, nunca precisei. Deito na minha cama e, exausta, durmo.

- Emma - ouço uma voz desconhecida. - Acorda!

Abro os olhos e vejo uma menina de cabelos dourados na minha frente. Encaro-a.

- Achei que você não ia acordar nunca. Tenho uma notícia que a senhora Nunes pediu para te dar.

Ela me entrega uma carta.

“Sinto saudades de coisas que eu tive  
e de outras que eu tive, mais quis muito ter.  
Sinto saudades de coisas que nem sei se existiram”.

Clarice Lispector

Eu sei de quem é essa carta, esse poema, a tinta da caneta o entrega, amarelo, amarelo girassol como sempre dizia. Pego uma caneta azul (minha cor preferida).

“Gosto de escrever poesias de amor  
mas, quando você sorri assim,  
sou inteiramente leitor”.

Saulo Pessato

Devolvo-a à garota, que já entende o recado, e deito novamente. Pego um papel fino e escrevo uma história. Uma história de amor, de sofrimento e de saudade. Sobre dois amigos que em um dia trocavam abraços e, no outro, poesias.



(Madu, Luiza e Laura)

---

### *Na noite de sexta-feira*

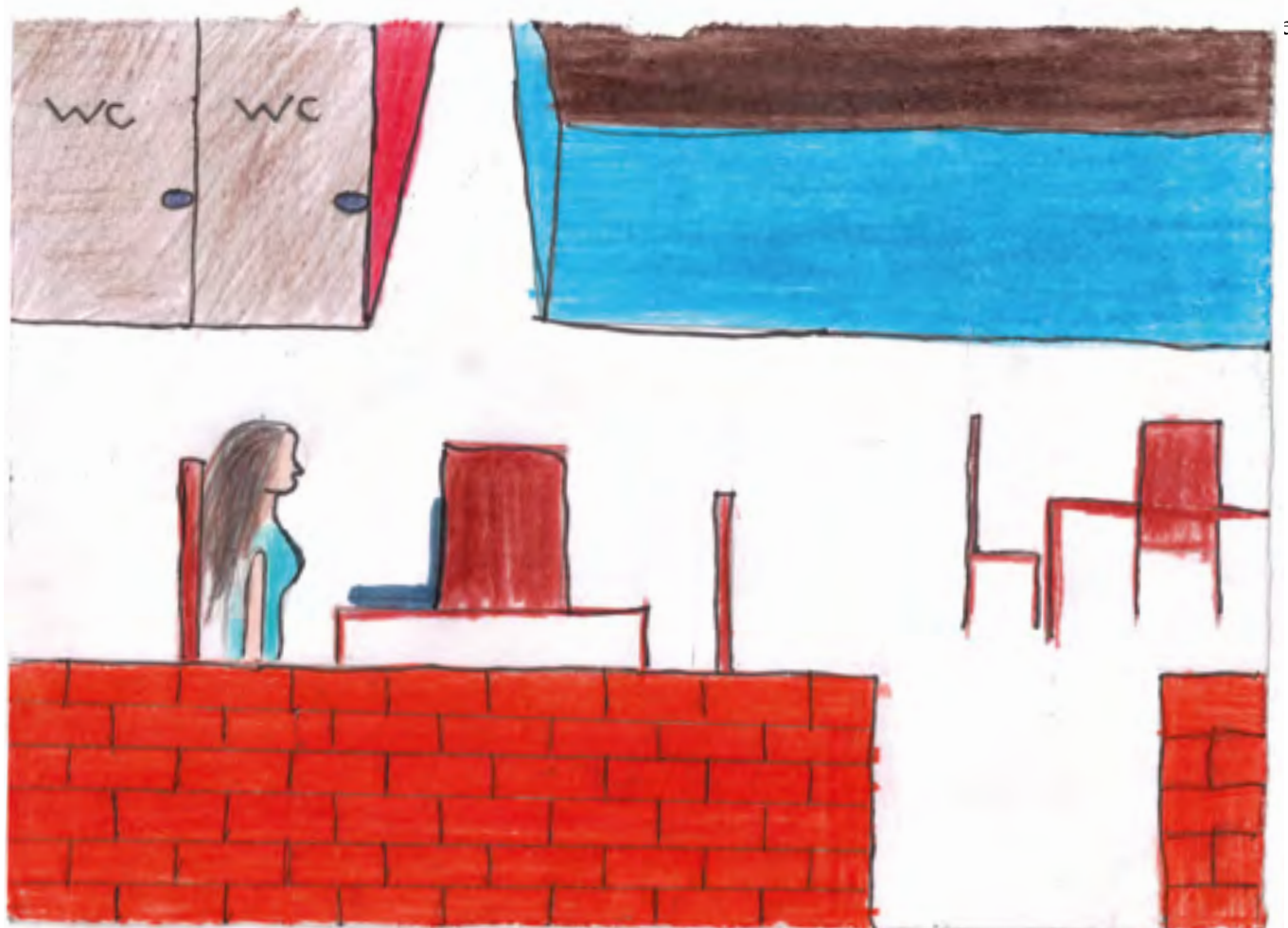
Na noite de sexta-feira, eu estava caminhando pela Otávio Carneiro quando vi um restaurante que me chamou muita atenção. Então, entrei e sentei em uma mesa de madeira que aparentava ser antiga, peguei meu computador e comecei a mexer. Um garçom aproximou-se e perguntou se eu queria algo. Eu disse que só queria um suco.

Pouco tempo depois, entrou uma menina que parecia ter 18 anos, e sentou-se em uma mesa ao meu lado, perto dos fundos. Estava sozinha. Tirou um bloco de folhas da mochila e um estojo. Começou a olhar ao redor, na parte interna do restaurante para desenhar. Fiquei observando-a até acabar o desenho. Quando ela terminou, fui em direção à sua mesa e perguntei qual era seu nome. Ela, meio cabisbaixa, respondeu que era Júlia, mas num tom de voz bem baixo. Logo em seguida, perguntei se poderia ver o desenho. Ela disse que não gostava de mostrar seus desenhos. Pedi desculpas e me afastei lentamente, sem deixar de observá-la.

Passaram-se uns 15 minutos. Chegou um homem muito furioso em direção à mesa de Júlia. No meu pensamento, achei que fosse um assaltante, mas logo percebi que era um familiar, mas mesmo assim achei estranho, porque ele falava coisas sem sentido e num tom de voz alto. Júlia, com cara de assustada, começou a chorar e a pedir desculpas, sabendo que não tinha feito nada de errado. O homem pegou sua mochila, jogou longe e saiu com uma cara de fúria.



Fui até ela para tentar ajudar. Peguei sua mochila e perguntei se estava tudo bem. Júlia continuou a chorar. Disse que estava tendo problemas familiares. Eu perguntei que tipo de problemas familiares, e ela me disse com voz de choro que a mãe dela estava muito doente e que não tinha dinheiro para pagar o tratamento, pois estava desempregada e usavam o salário do pai para comprar comida para seus quatro irmãos. Falei para ela tomar um ar comigo e um pouco de água, pois sabia que estava sofrendo muito com isso. Disse que ia tentar ajudar de qualquer forma, dando dinheiro, levar a mãe a um médico mais barato ou até mesmo ajudar a mãe e a Júlia a arrumarem um emprego.



(Letícia e Cleo)

---

### *O mistério do porão*

Nas férias de verão, Peter foi passar um tempo na casa de seu tio em uma pequena cidade no interior da Califórnia. O menino estava muito ansioso e animado. Quando chegou, foi bem recepcionado pelo seu tio e por sua prima. O garoto ficou parte desse tempo conversando com os dois. Depois de muita conversa, Peter foi para seu quarto para guardar suas bagagens. De repente, seu tio bateu em sua porta falando seriamente que ele não podia entrar no porão e nem perguntar por quê.

Peter ficou um pouco desconfiado, mas continuou seus afazeres. Nicolau, seu tio, foi chamá-lo para jantar. Enquanto Peter estava comendo, todos ouviram um som que parecia um objeto que caía no chão. Nicolau saiu

correndo e falou para que ninguém o seguisse. Minutos depois, ele voltou para a mesa, alegando que a janela estava aberta e que havia caído um copo com água por causa do vento. Ao terminar o jantar, Wendy, sua prima, e ele foram dar um passeio pelo bosque. Saindo de casa, Peter percebeu que não havia sequer uma janela no sótão, então perguntou a Wendy por que seu tio havia mentido. Ela respondeu, nervosa, que tinham muitos mistérios na casa que nem ela sabia.

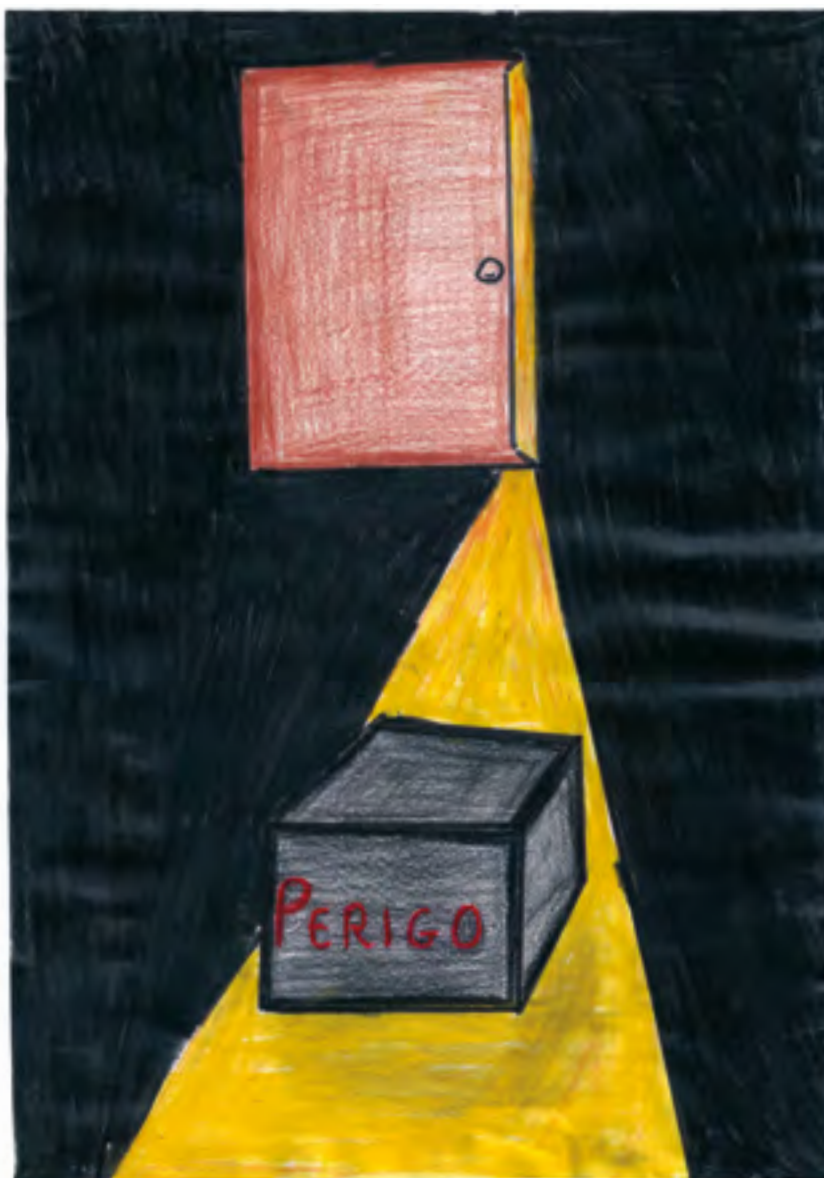
Toda manhã eles iam ao bosque para conversar sobre o que seu tio escondia. Em uma das conversas, Wendy falou que pela madrugada ela foi pegar um copo de leite na cozinha e viu seu tio saindo do sótão com uma caixa preta escrita em sua tampa: PERIGO. Peter teve uma ideia para descobrir o que Nicolau estava escondendo. O plano era Wendy chamar o tio para jantar em um restaurante e Peter fingir que estava passando mal. Quando eles saíssem, ele entraria no sótão para ver o que havia de tão misterioso.

Tudo ocorreu como o planejado e Peter ficou sozinho em casa. Depois de um

tempo, o garoto tomou coragem e foi abrir a porta. Porém, aconteceu o inesperado: a porta estava trancada. O garoto procurou a chave pela casa toda e não achou. Decepcionado, foi para o seu quarto esperar a chegada de sua prima e tio. No dia seguinte, Peter e Wendy foram ao bosque pela manhã, como sempre faziam, e a garota perguntou se havia conseguido. O adolescente negou, alegando que a porta tinha chave e que ele não conseguiu achá-la.

Chegando em casa, viram dois homens, junto com o seu tio, entrando no sótão. Os garotos, muito curiosos, resolveram segui-los. Quando os homens estavam prestes a fechar a porta, Peter botou o pé bem na hora que ela estava quase fechando e os homens não perceberam nada. Então, eles entraram rapidamente no sótão. Assim que abriram a porta, se depararam com uma grande estrutura de metal que ocupava uma grande parte do sótão. De repente, a grande máquina se ligou sozinha e os dois homens que estavam ali desapareceram como num passo de magia. Os adolescentes estavam curiosos, chegaram mais perto e foram sugados pela máquina. Quando Nicolau voltou ao sótão, percebeu que a máquina estava ligada e começou a ficar preocupado com os garotos. O tio procurou pela casa toda e não achou nada nem ninguém. Passaram-se anos e eles nunca voltaram. Alguns dizem que eles foram para uma dimensão paralela; outros, para um novo mundo pouco habitado. Mas ninguém sabe ao certo.

*(Giovanna e Marina Dantas)*







pularam em seu corpo e começaram a tentar matá-la. Logo, logo, a criatura foi ficando visivelmente mais fraca e então caiu no chão. A população, que antes estava uma bagunça, quando viu o titã caindo saiu das ruas apavorada.

Juliana e seus colegas de equipe comemoraram. Mas, de repente, ouviram outro grito colossal. Todos congelaram quando viram outros sete titãs vindo no horizonte.

Num espasmo, Juliana acordou e viu seu pai recolhendo seu livro do cofre em que havia guardado. Apesar de ter levado um sermão e um castigo, estava aliviada. Afinal, tudo aquilo fora um sonho do universo criado no livro.

*(Antonio, Arthur e Enzo)*

---

## A Liga Jurássica

Era uma vez, um tempão atrás, em um planeta muito distante em que, ao invés de seres humanos, viviam dinossauros. Lá, existia uma seita de super-heróis que se chamava Liga Jurássica. Seus componentes eram o Velociflash, o Triceroborgue, o Batssauro-Rex, o Dodô Verde, a Mulher Maradactylo e o Superssauro.

Em uma noite, os heróis estavam dormindo, quando foram acordados com o alerta tocando. Era o Espinoringa com seu robô, prestes a destruir o zoológico, o famoso Animal Planet.

Então, os heróis se prepararam para acabar com o Espinoringa. Era mordida pra cá e mordida pra lá. Logo eles capturaram o Espinoringa. Mas ele não estava só, logo apareceu o Pinguimssauro e o Rex-Luthor, que tinha uma arma secreta, o kriptofóssil. O kriptofóssil fazia com que o Superssauro ficasse cada vez mais fraco com o passar do tempo, fazendo com que ele morresse durante a batalha. Ainda assim, os heróis ganharam.

Após a morte do Superssauro, os heróis lutaram bravamente entre si, culpando um ao outro pela morte do Superssauro. A luta foi tão épica que destruíram o planeta onde moravam. Com a destruição do planeta, os heróis tiveram que ir para outro lugar, um lugar parecido e não tão distante: eles acharam o Acre. Lá, decidiram não usar seus poderes e viver normalmente.

Um dia, eles viram uma grande luz no céu se aproximando rapidamente, até que perceberam que era um meteoro, mas já era tarde. Uma forte luz explodiu no horizonte, fazendo com que toda a Terra pegasse fogo, matando todos que estavam morando lá, incluindo nossos heróis.

Logo depois da Terra esfriar, um tipo novo de espécie começou a dominar a Terra: os homo sapiens sapiens, começando assim uma nova era.

*(Ravi, Miguel e Cadu)*





## *A verdadeira história da Branca de Neve*

Olá, meu nome é Bianca, mas vocês devem me conhecer como Branca de Neve! Pois bem, hoje vou contar minha verdadeira história.

Tudo começou quando eu nasci, no dia 15 de novembro de 1985. Por uma coincidência de eu ser branca como a neve, e como já estava na época de ela cair, minha mãe me apelidou assim. Como na história falsa que lhe contaram, minha mãe morreu quando eu tinha apenas sete anos, por causa de uma doença que os curandeiros não conseguiram curar. Continuando a história, eu ganhei uma madrasta que, ao contrário dessa inverdade que contaram para várias gerações, era muito gentil e carinhosa. Ela me apoiava em tudo, principalmente pelo fato de eu ter perdido minha mãe tão cedo. Meu pai morreu após quatro anos, o que nos deixou muito tristes, mas ela, mesmo assim, sempre me ajudou. Sem ela eu não sei o que seria de minha vida.

Bom, nisso já se passaram quatro anos, e já estou com 17. Em uma noite chuvosa, alguém estava batendo na porta, e eu fui atender.

- Alguém está aí? - dizia uma voz masculina, vinda de trás da porta.

- Já estou indo - eu disse enquanto abria a porta.

- Olá, mocinha. Eu sou apenas um viajante doente que se perdeu de casa, a senhorita permitiria que eu dormisse uma noite aqui até a chuva passar?

- Mas é claro, meu bom senhor! Mas apenas uma noite.

- Muito obrigado, mocinha!

- Entre! Vá tomar um banho. Siga este corredor à direita, vá para esquerda, depois direita e suba a escada. Quando terminar de subir, vai ter uma porta à sua frente. Entre e tome seu banho. Quando sair, já deve ter roupas em cima da cama. Agora com licença, vou falar com minha madrasta. - Depois fui falar com ela.

Logo após o jantar, ele disse que seu nome era Alfredo. Nós fomos dormir tranquilos. No dia seguinte, fui ver como ele estava.

- Senhor Alfredo, está aí? - eu dizia, enquanto batia na porta. Não ouvi ninguém responder, então lentamente fui abrindo a porta.

- Você está aí? - Eu entrava no quarto enquanto falava.

- Senhor Alfredo, o que está fazendo? - Ele estava com os olhos totalmente brancos com um espelho de bolso em suas mãos. Eu fiquei muito assustada, pois parecia que sua alma estava dentro do espelho. O quarto estava com um clima pesado.

- Senhorita Bianca, você estava aqui o tempo todo? - Antes dele falar isso, do nada, seus olhos voltaram ao normal.

- Por que seus olhos estavam tão brancos? - eu disse com medo da resposta.

- Meus olhos? Brancos? Que é isso, querida, deve estar vendo coisas! Deve ter chegado quando estava irritado e quando estou, olho para cima e fico assim.

Eu fui em direção à porta quando Alfredo me parou.

- Me desculpe, mas você pode fazer um favor para mim?

- Mas é claro, o que o senhor quer?

- Muito obrigado senhorita, você é muito gentil.

- Obrigada.

- Eu e minha mulher moramos na floresta, mas eu acho que não conseguirei chegar lá, pois machuquei minha perna.

- Mas como saberei o caminho de sua casa?

- Eu fiz um mapa quando estava vindo para cá.

Eu concordei e saí do quarto com muita dúvida. O que eram aqueles olhos brancos? Não era possível ele só ter olhado para cima. Como ele tem um mapa de casa se ele tinha se perdido? Mas mesmo com essa incerteza toda, ainda fiz o favor.

Olhei bem o mapa até sua casa. No meio do caminho, comecei a ouvir barulhos vindos da mata e fiquei assustada. Deixei o mapa cair, então resolvi seguir os meus instintos e ir na direção que conseguia lembrar. Finalmente encontrei uma cabana e fui bater na porta.

- Com licença! - Comecei a gritar para ver se alguém me atendia, pois estava com medo dos barulhos.- Por favor, alguém abra.

- O que você quer!?! - Dito isso, a porta se abriu um pouco. - Eu já estava dormindo.

- Me desculpe, eu só estava procurando a casa da senhora Liza - eu disse assustada.

- Aqui não tem nenhuma Liza - disse uma voz irritada.- Agora se me der licença- disse ele, fechando a porta.

- Espere! Desculpe-me, só que acho que me perdi! Posso ficar aqui uma noite?

- Você não vai querer ficar aqui quando souber os seres que habitam - disse a mesma voz.

- Já passei de tudo nessa vida.

- Ok, mas eu te avisei. - Dito isso, a porta se abriu e de lá vi uma criatura pequena atrás da porta com mais seis delas atrás me espionando.

- O que são vocês? - eu disse assustada.

- Somos apenas criaturas que esse universo não quis ajudar. Entre!

Entrei, fechei a porta e os encarei sem saber o que dizer.

- O que vossa princesa procurava na floresta? - perguntou uma criatura no meio dos sete.

- Como sabem que eu sou princesa?

- Ah, minha filha, somos diferentes dos homens, mas nem tanto - dizia outro.

- Ah bom... eu vim ajudar um hóspede de minha residência.

- Olha, já que você vai ficar aqui uma noite, queremos que nos conte esse assunto - dizia o terceiro da fila.



- Bom... uma noite esse homem chamado Alfredo me pediu ajuda, deixei-o entrar e agora estou ajudando ele.
- Não pode ser! Companheiros, o caçador voltou – gritava outro.
- Como assim, que caçador?
- Por acaso esse é o Alfredo?

O ser que me abriu a porta mostrou uma foto de um homem com a inscrição “procurado”.

- Sim! Mas o que ele faz aí? – Eu era tão ingênua na época. Queria voltar no tempo, me dar um tapa e dizer “não confie nele”.
- Ele é o pior caçador que existe, nos odeia, quer nos matar, pois o delatamos para a polícia – o quarto da fila disse.
- Então precisamos tirá-lo de minha casa!
- Precisamos fazer mais do que isso: vamos matá-lo – um deles falou com raiva.
- Mas por que precisamos fazer isso? Só porque ele é ganancioso?
- Ele é mais do que isso, é um assassino ou talvez pior.
- Nós vamos, mas antes você precisa se preparar para lutar com ele.
- Eu, lutar?! Me recuso a fazer isso! Não mato nem uma mosca.
- Bom... Se quiser matá-lo, vai ser o jeito.
- Ele acha que eu morreria vindo para cá, então precisamos treinar até amanhã e aí o atacaremos – eu disse confiante.
- Então, alteza, vamos para o campo de treinamento?
- Não me chame assim, não sou uma princesinha mimada – respirei fundo.– Onde é o campo de treinamento?
- No quintal, onde mais seria? – disse a criatura com um tom de ironia.
- Então o que estamos esperando? – Senti raiva do caçador.
- Vamos logo, treinar!

Nós treinamos muito. Quando estava quase amanhecendo e todos foram dormir, menos eu e o Red – a pequena criatura que abriu a porta para mim. Saímos bem cedo e chegamos depois do almoço. Entramos com muita cautela pelos fundos. Antes de tudo, fomos procurar minha madrastra. Procuramos por quase todos os cômodos e até que enfim a encontramos no banheiro dela. Morta! Comecei a chorar desesperadamente e gritei de raiva por ele tê-la matado. Gritei de raiva por não ter mais uma família.

- O que aconteceu, Bianca? – Ligh Blue falou, empunhando sua arma.
- Agora vamos achar aquele idiota. Por mim e por todos dessa família – falei brava.
- Ei, por nós também! – disse Yellow.
- Não só pela sua família e por nós, mas por todos que sofreram na mão dele – falou Red.

- Disse tudo! – falou Green. Nós saímos correndo para sala.

- Estavam me procurando? Achei que uma garotinha ingênua como você não ia conseguir voltar – disse uma voz assustadora.

- Você vai se arrepender de ter vindo até aqui! – Liberei minha raiva nessa hora.

- Você e seus amiguinhos vieram salvar sua madrastra? Parece que não conseguiram.

Naquela hora, comecei a chorar de raiva e tristeza, e estava com uma enorme sede de vingança.

- Também tinha vindo salvá-la, mas nada me impede de lutar contra você – falei com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

- Você e seus amiguinhos?

- Não, vou fazer o que é digno de uma rainha. Essa luta será somente eu contra você.

- Então, que comece a luta... até a morte.

Quando ele falou essa frase, nasceu um círculo de chamas em volta de nós e seus olhos ficaram brancos, como quando o encontrei segurando um espelho de bolso no quarto de hóspedes. Empunhei minha espada da realeza, que foi passada de geração a geração e que, por incrível que pareça, nunca perdeu uma batalha. Já ele começou a voar e pegou o mesmo espelho que estava em sua mão naquele dia. Daí surgiu um espelho gigante atrás dele. Fiquei assustada, mas fechei meus olhos e segurei firmemente minha espada.

Passaram-se horas e horas de luta, e eu já estava rendida no chão.

- Quais são suas últimas palavras, garotinha indefesa?

Pensei que iria morrer. Pensei que valeria a pena voltar para minha família. Mas uma voz se colocou contra o Alfredo, e dela saiu uma rajada de luz branca que deixou-o imóvel. Corri em sua direção, agachei e disse:

- Quem é a garotinha indefesa agora!?! – e enfiei minha espada contra o peito dele. – Eu o matei! Ele não vai poder mais machucar famílias indefesas.

Passaram-se anos. Eu estou aqui, sem príncipe encantado, sem moral, só com sete amigos de confiança. Essa é a verdadeira história de Bianca, a Branca de Neve.

*(Gabriela e Sarah)*





## Uma noite dentro de um livro

Em uma galáxia muito distante, na verdade em São Gonçalo, em um dia bem quente com mais uma propaganda da Betina do milhão, ouviu-se:

-Oi, meu nome é Betina. Tenho vinte dois anos e mais de um milhão.

-Ah! Não aguento mais esse comercial! Eu entro em vários sites e ela está lá! Estou cansado de não fazer nada, vou sair com meus amigos.

Ele mandou mensagens para os amigos, mas ninguém pode ir. Como ficou com raiva, resolveu ir à biblioteca para se acalmar. Chegando lá, não tinha ninguém, porque todos diziam que aquela biblioteca era assombrada por seres que não existiam. Aquele lugar fazia barulhos que ninguém sabia de onde vinham. Como ele era um garoto muito curioso, passou o dia todo procurando de onde vinham os barulhos, até que ele se aproximou de um livro e viu que estava fazendo ruídos e, quando abriu, foi parar dentro dele.

Quando ele viu que estava dentro do livro, se assustou e desmaiou. Depois, ele acordou rodeado por seres fictícios dentro de uma casa na favela e, para a sorte dele, a polícia, que eram esquilos armados, estava fazendo uma operação atrás do dono do morro, uma coruja, mais conhecida como Cleber da Juliet.

Quando os esquilos já estavam no topo do morro, entraram em uma casa e viram aqueles seres em volta de um humano. Nesse momento, os esquilos cancelaram a operação e saíram correndo dali, porque humanos eram uma ameaça para aquele lugar. Quando eles chegaram ao quartel da polícia, avisaram que tinha um humano lá. O delegado ligou para o exército e montaram uma operação para prender o humano:

- Alô, é do exército?

- Sim, por quê?

- Código 23.

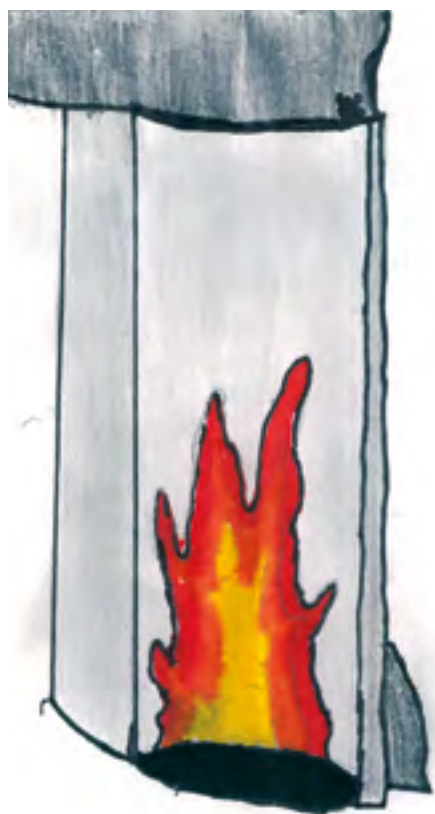


- Meu Deus! Vou chamar o comandante.
- Rápido.
- Oi, é o comandante.
- Precisamos nos encontrar! Código 23.
- Ferrou, te encontro amanhã na delegacia.

Quando amanheceu, eles combinaram a operação e botaram-na em prática. Chegando à favela onde estava o humano, foram atrás da casa. A polícia fez de tudo para ninguém perceber a presença dele, mas todo cuidado não foi o suficiente: o humano soube da presença deles e abriu o livro por onde ele entrou e voltou para seu mundo.

Logo quando chegou, já foi para casa e falou tudo que tinha acontecido para a mãe, e para a surpresa dele, ela internou o garoto no hospício.

*(Pedro Henrique, Lucas e João Pedro)*



## Tragédia

Era uma vez uma menina gulosa. Era arrogante e, às vezes, muito teimosa. Mas tinha bom coração, morava com seu irmão, cujo nome era João.

Em um belo dia, foi com sua mãe Maria passear. Porém, ela tinha muito azar e justo numa poça ela foi pisar. Morava na favela, onde só tinha vela. Eletricidade? Quem dera, não tinha muito dinheiro nem moeda.

Em um triste dia, os ladrões de uma quadrilha queriam assaltar a menina, e ela, sem ter o que fazer, falou:

- Pode levar.

E de repente, ela escutou um tiro. Pegou no peito do irmão e os bandidos fugiram. Desesperada, ela ligou para o resgate. Chegando lá, o doutor falou que era tarde.

A menina voltou para casa, tomou banho e, de repente, acorda e vê que era um sonho, em uma noite fria de outono.

*(Mario e Breno)*



## *Inclusão, um olhar para a diversidade*

A beleza da escrita está em reunir as palavras, misturá-las aos sentimentos e deixá-las fluir em forma de texto. Quando trabalhadas em versos e rimas, ecoam ao som das batidas dos corações e nos fazem refletir sobre cada uma delas, através do olhar individual, com novas possibilidades de interpretações.

Ao juntar as ideias, os alunos do 8º ano trabalharam as palavras à luz da diversidade, sobre o prisma da inclusão social. Essa que acontece quando se aprende com as diferenças, com múltiplos sentimentos, com a pluralidade das ações. No torneio do conhecimento, imersos em jogos e atividades em grupos, produziram poemas juntando ritmo e melodia para passar uma mensagem, em formato de rap, que foram reescritos e adaptados para chegar até o leitor.

Esses textos são, portanto, um misto de emoções e vozes, um presente para todos nós, seus leitores.

*(Alessandra Lameirão)*



Imagem retirada do Site: [www.freepik.com](http://www.freepik.com)

## Inclusão

*Se isso é o que importa pra você,  
Agora vai ver!*

*Não seja cruel,  
Só faça o bem!*

*Com a amizade,  
Há fraternidade!*

*Sem preguiça,  
Vamos fazer justiça!*

*Ajude os outros,  
Não fique parado!*

*Faça seus amigos  
Se sentirem conectados!*

*Se você acha que sua voz  
Não tem moral,  
Levante esse astral  
E deixe de ser banal!*

*(Manuella, Arthur e Sofia)*





## Iguais

Por nossa gente vamos lutar  
Para a liberdade conquistar  
Para acabar com a opressão  
Oferecemos nossa mão.

Vamos todos nos unir,  
Para o racismo extinguir,  
Não toleramos desrespeito,  
Muito menos preconceito.

Igualdade nós sabemos,  
Para todos é essencial  
Respeito é bom e todos gostam,  
É a base social.  
(Luiza e Miguel)



## Error 404

Os cadeirantes na cidade,  
Precisam de igualdade.  
O negro do país,  
Deseja ser feliz.  
O indivíduo da tribo,  
Está em constante perigo.

O mundo precisa melhorar,  
Nossos sistemas precisam atualizar,  
Error 404 da humanidade,  
Estamos cada vez mais sem racionalidade.

Precisamos acabar com o preconceito,  
Sendo assim, nos tratar com mais respeito,  
Necessitamos de mais igualdade,  
Não tratarmos ninguém com maldade.  
(Nicolas, Fabio e João Marcelo)

### Error 404



Estamos falhando com o sistema

## Inclusão Racial

Na Aldeia Curumim  
Aprendo sobre inclusão,  
Desfrutando da liberdade  
E lutando contra a opressão.

Essa gente da Aldeia  
É multicultural,  
Representamos raças e etnias,  
Isso é sensacional!

Seu sistema educacional,  
Combate o mal.  
E a pureza e a bondade  
São preservadas até o final.

Criança linda,  
Tu sabes,

→ Ninguém nasce racista,  
É questão de ideologia,  
Ainda há muito o que aprender.

Em nossas vidas,  
Veremos isso em nosso dia a dia,  
A juventude não está perdida,  
Ainda existe salvação.

Viverás e verás,  
Reconhecerás.  
Combater, conscientizar e educar.

Viverás e verás,  
Reconhecerás.  
Combater, conscientizar e educar.  
(Davi, Pedro Henrique e Luna)



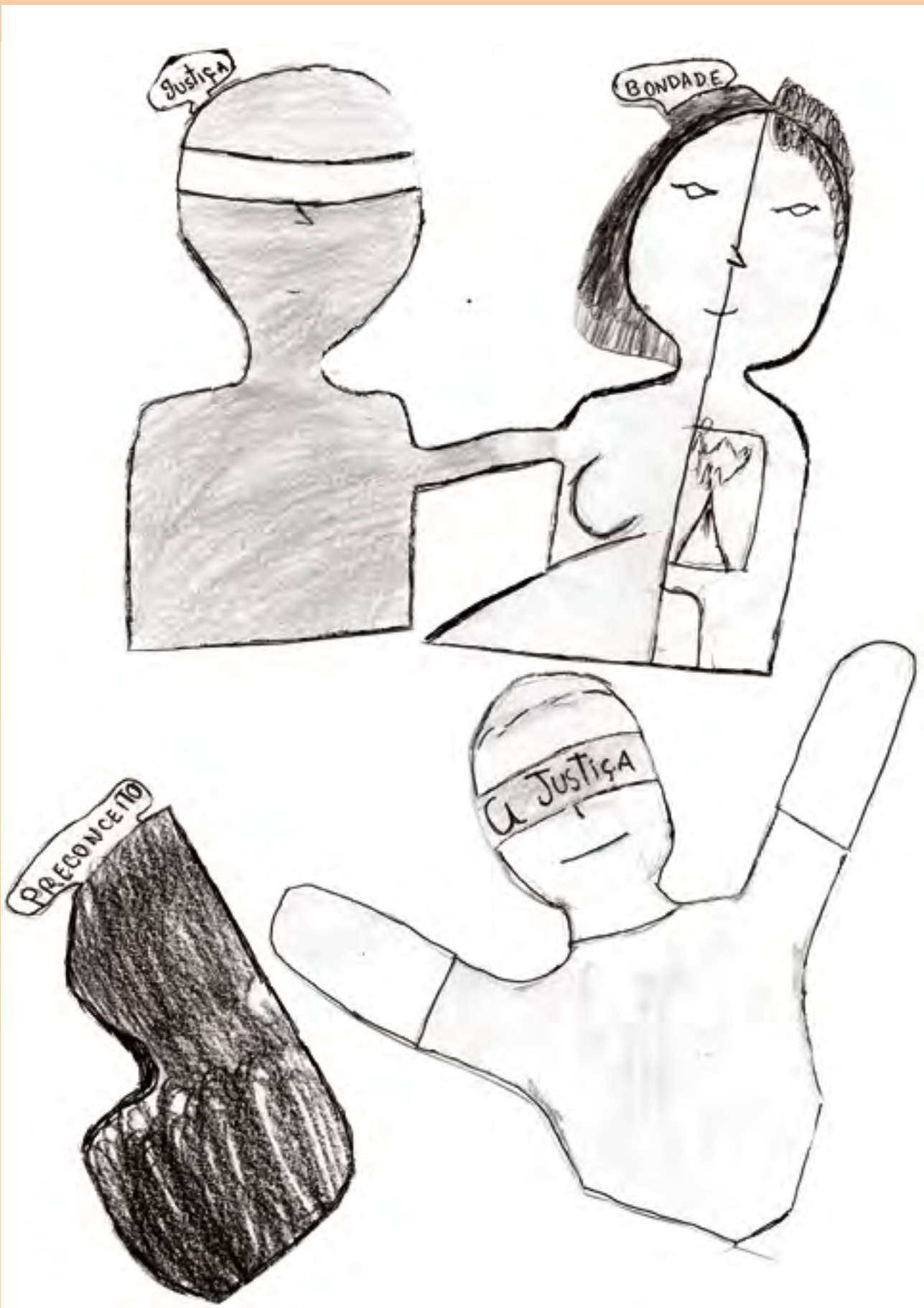
## *Verdadeira Realidade*

*Por nossa gente vamos lutar  
Para a liberdade conquistar.  
Para acabar com a opressão  
Oferecemos nossa mão.*

*Vamos todos nos unir,  
Para o racismo extinguir,  
Não toleramos desrespeito,  
Muito menos preconceito.*

*Igualdade nós sabemos,  
Para todos é essencial  
Respeito é bom e todos gostam,  
É a base social.  
(Antonio e Matheus)*





## Expediente

Editoria e revisão: *Mônica Scheer*

Professores envolvidos: *Alessandra Lameirão, Juliana Pêgas E João Peçanha*

Autoria dos textos e ilustrações: *alunos dos 6º, 7º e 8º anos de 2019- - Aldeia Curumim*

Design e diagramação: *Bernardo Nemer ([www.bernardonemer.com](http://www.bernardonemer.com))*

Capa: *alunos dos 6º, 7º e 8º anos de 2019 - Aldeia Curumim*

Apoio institucional: *Marcelo Cantarino Gonçalves*





Ma tumaini (esperança)

Respeito  
sempre!

claro.

Ame ♡

Ma catua  
tata Camua

tame  
junto!

ALEGRIA

COMPAIXÃO

seja você  
mesmo!

AMIZADE!

Seja você  
mesmo!!

Direitos  
iguais



**ALDEIA** 45  
anos  
**CURUMIM**

[www.aldeiacurumim.com.br](http://www.aldeiacurumim.com.br)

Qualidade  
social!!

LUTE!

Opa!!  
Como Vai?

Com Paixão!